

UMA NARRATIVA TESTEMUNHAL: AS MEMÓRIAS DE ANNA RIBEIRO*

NANCY RITA VIEIRA FONTES**

Resumo

Objetiva-se demarcar a posição das memórias dentro do cânone literário, assim como registrar a importância desse tipo de produção como uma das formas de as mulheres estabelecerem sua incorporação à literatura, sem que precisassem promover um abalo na chamada **grande literatura** produzida por homens, uma vez que se situam à margem do cânone oficial, aliás, possível para seres marginalizados pela cultura hegemônica. Além dessa discussão teórica, faz-se o estudo da comparativo entre essa discussão e as memórias de Anna Ribeiro.

Palavras-chave: Memórias, Literatura Brasileira, Imagens de mulheres.

* Este texto, publicado inicialmente nos anais do II Simpósio Baiano sobre Gênero, sofreu modificações em virtude do fato de que o estudo sobre a autora, na época em que fora escrito, estava iniciando. Agora que já recolhemos quase toda a sua obra ficcional (à exceção do romance *Lúcia*), este texto pode ser ampliado. Recebido para publicação em setembro de 1998.

** Mestranda em Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia e especialista em Língua Brasileira pela UFBA.

Uma narrativa testemunhal...

**A TESTIMONIAL NARRATIVE:
ANA RIBEIRO'S MEMORIES**

Abstract

This article discusses the position of memories in the literary cannon, registering the importance of this kind of literary production as a way women used to participate as writers without trespassing the male province of **great literature**. This discussion is applied to the memories of Anna Ribeiro.

Sei – esta noção tão flutuante –, o conhecimento mais exato que esbarro no inexplicável, quando afirmo que a realidade possível dos seres é nosso ponto de contato, e nossa via de acesso às coisas que ultrapassam a realidade.

Marguerite Yourcenar

As narrativas testemunhais, sempre à margem do cânone literário, bordejando entre o ser ou não ser literatura, constituem-se em um gênero comum dentro da produção literária, em um gênero que, com o advento da burguesia e, conseqüentemente, do império do individualismo, tornou-se bastante em voga no século XIX, embora sua existência remonte ao século XVIII na Inglaterra e na Alemanha.¹ A maior parte das memórias escritas no século passado pertence aos homens que narram suas aventuras, seus grandes feitos, numa busca de afirmação do **eu** diante de uma sociedade que se encaminha para a perda da identidade. Paralelamente a essa produção masculina, podem ser encontradas algumas autobiografias escritas por mulheres, mas ainda em número bastante reduzido, se comparadas com as produzidas por homens.

Mas o que teriam as mulheres a relatar, quando o seu cotidiano era marcado tão-somente pela vida privada, muitas vezes imersas em afazeres domésticos? Nada de extraordinário acontecia, nada de épico havia a relatar, nada de grandes feitos. O relato feminino se caracteriza pela necessidade de demarcar a presença das subjetividades que não foram acolhidas pelo discurso androcêntrico. Esquecidas ou renegadas, essas vozes foram silenciadas, mas não foram emudecidas, e o testemunho daquelas existências denuncia de que modo a narrativa testemunhal/autobiográfica entra em oposição ao discurso viril e se rebela contra uma ordem hierárquica, que impedia a presença da produção feminina que não estivesse pautada nos parâmetros estabelecidos ou que ousasse querer fazer parte do circuito literário com obras de gêneros comuns aos escritos por homens.

Neste sentido, torna-se possível o estudo das narrativas testemunhais das mulheres, pois não se trata apenas de uma opção quanto ao gênero literário, mas da escolha de um gênero essencialmente feminino – haja vista a produção hispânica atual de memórias, como Domitilia Barrios, Rigoberta Menchú, Isabel Allende. As memórias tornam-se, portanto, um estudo necessário para, como afirma Jean Franco:

...estudar os gêneros discursivos e as instituições hegemônicas [e] a autoridade textual conferida a certos gêneros literários relacionados ao sujeito social que se apropria das ditas práticas discursivas.²

Paralelamente a esta necessidade de estudar as memórias, como um relato da primazia individual, e da sua importância como um gênero que desestabiliza o cânone³ e lhe propõe um redimensionamento do sistema

¹ REIS, Livia de Freitas. Autobiografia, testemunho e ficção: uma relação delicada. *Boletim do GT da ANPOLL – A Mulher na Literatura*, Rio Grande do Norte, ANPOLL, João Pessoa, nº 6, jun. 1996, pp.173-185.

² *apud* STEPHAN, Beatriz González. Culturas subalternas: crítica literária no-androcentrica. *Iberoamericana*, nº 15, 1991, pp.98-99.

³ A pós-modernidade trouxe a possibilidade de se questionar o cânone e os seus pilares básicos. A emergência dos discursos não androcêntricos, não europeus, enfim, dos discursos dos marginalizados política e culturalmente garantiu, inclusive, o redimensionamento de textos/gêneros até então desconsiderados no âmbito da crítica

Uma narrativa testemunhal...

literário no qual se baseia, este estudo configura também uma necessidade de lançar luzes sobre um mundo cujo olhar de representação provém agora de um outro referente: a mulher, na busca de uma nova tomada de posição, de um ângulo que permita uma “re-visão” do que foi visto e tomado como universal e único até então.

É neste espaço que cabe a leitura do livro de memórias de Anna Ribeiro de Goes Bittencourt – *Longos serões do campo*.⁴ Ele se insere em uma produção que tangencia os discursos literários. Destinadas, de acordo com sua autora, a serem de conhecimento apenas da família, as memórias de Anna Ribeiro são escritas após a morte de seu marido quando, segundo ela mesma, já podiam ousar denegrir o caráter e a honradez da família. Com quase oitenta anos e atribuindo sempre à memória já enfraquecida os possíveis lapsos temporais, a autora conduz o leitor a uma Bahia pouco conhecida: a das mulheres que viviam nas fazendas do Recôncavo baiano do final do século passado.

Anna Ribeiro, que é reconhecida como a primeira ficcionista mulher na Bahia⁵, nasceu em Vila de Itapicuru, na Bahia, em 1843, mas foi criada em Catu, cidadezinha do Recôncavo baiano. Era filha única de Ana Maria da Anunciação Ribeiro e de Matias de Araújo Góis. Uma doença nos olhos, debelada apenas quando ela completou a idade de 20 anos, marcou sua infância. Apesar de ser alfabetizada, ainda criança, pela mãe, em virtude deste problema de saúde – diagnosticada como uma conjuntivite mal curada –, ficou impossibilitada de avançar numa instrução mais elaborada, como muitas outras filhas de abastadas famílias rurais da Bahia oitocentista.

Sua situação era tão precária devido à visão que, desde cedo, o relato oral de histórias narradas por sua mãe, uma mulher instruída e profundamente religiosa, faz-se presente em sua vida e, enquanto permanecia por dias na escuridão do seu quarto, recitava poemas que havia memorizado e conversava sozinha. Na reclusão, Anna Ribeiro aprende a viver com a memória dos textos⁶, ao mesmo tempo, em que vai formando sua personalidade de mulher solitária, dada a pouca conversa, recatada e avessa ao mundo social.

literária oficial. Cf. REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís. (org.) *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp.65-92.

⁴ Esse título escolhido por Anna Ribeiro foi influência da autora portuguesa, Maria Amália Vaz de Carvalho, a quem ela muito admirava e de quem era leitora assídua de artigos publicados em *A Mensageira*: revista dedicada à mulher brasileira. Esta autora pertence à geração de 70, escreve seus primeiros versos em 1867, com 19 anos e, assim como Anna Ribeiro, pertencem ao grupo das escritoras católicas. Maria Amália era uma ferrenha defensora de uma literatura sadia e contrária ao realismo, combatia os ideais de emancipação das mulheres e propunha para as mulheres a vida no espaço do lar; por outro lado, era favorável a um feminismo moderado, inclusive lutava pela emancipação das mulheres. Mais tarde, parece ter revisto a sua posição contrária aos realistas. Sua obra ensaística foi publicada com o título *Serões do campo*. apud BARREIRA, Cecília. *História das nossas avós: retrato da burguesia em Lisboa*. 2ª ed. Lisboa, Colibri, 1994, pp.158-9. Coleção Sociedade e Quotidiano.

⁵ ROCHA, Carlos Eduardo da, Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, a primeira romancista baiana. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, nº 37, mar. 1991, pp.63-77.

⁶ A esse respeito, vale registrar a observação presente na coleção *História das Mulheres*: “Nos inícios do século XIX, boa parte da instrução feminina é com frequência exclusivamente mnemônica: a exterioridade da exposição serve como antídoto contra as divagações interiores da “imaginativa”. Saber de memória um texto facilita a sua leitura em voz alta, forma de entretenimento familiar e de salão que até ao final do século reserva papéis de protagonista às mulheres das classes elevadas.” DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. In: FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle (dir.) *O século XIX*. Porto, Afrontamento, 1991, p.216. Tradução: Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves.

A tradição de narrar enquanto são realizadas tarefas como costurar e bordar, durante os **longos serões do campo**⁷, constitui-se em um dos caminhos para despertar na menina Anna o prazer da literatura e, como ela mesma afirma em suas memórias, para a percepção do encantamento das palavras.

Finalmente, aos dez anos, através de duas moças amigas da família que irão permanecer na fazenda por um longo período de tempo, Anna Ribeiro começa a aprender a ler, enveredando pelos estudos mais apurados e a escrever, sob cuidadosas recomendações de sua mãe, com receio de que ela “apurasse” demais as vistas e agravasse o problema de saúde.⁸ No entanto, a escrita se torna para ela um tormento, uma vez que não conseguirá ter uma bela caligrafia⁹, uma exigência comum para a época, fato que a levará, ao se casar, a pedir constantes vezes ao marido e, mais tarde, à neta para passar a limpo os seus textos.¹⁰

Em consequência da frustração com a escrita, na adolescência, Anna se dedicará com maior afinco à leitura, tanto que não se conhece nenhuma produção literária sua nessa fase. Sem livros em casa, seus parentes, sabendo do seu gosto pela leitura, emprestavam-lhe livros. As leituras, previamente escolhidas pelos familiares, se tornarão as grandes companheiras da menina da autora. Os textos lidos não diferem muito do padrão de leitura das moças da época: os folhetins de Suè, a produção romântica de Alexandre Dumas, Lamartine e Victor Hugo, alguns autores portugueses como Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, a quem ela se refere como uma leitura não recomendável para moças, ou pelo menos para algumas delas, como ela ressalta, e ainda algumas obras que tinham uma função propedêutica, como as Mme. Leprince ou as da Condessa de Ségur¹¹, além dos textos bíblicos.

⁷ Esta expressão é utilizada no título do livro de memórias da autora: *Longos serões do campo*, publicado pela sua bisneta, Maria Clara Mariani Bittencourt, em 1992.

⁸ As duas moças, afastadas do convívio da mãe pelo pai, preocupado com que elas fizessem um casamento inadequado, provinham de um colégio interno no Rio de Janeiro, onde tiveram uma educação apurada, ao mesmo tempo em que se decidia o rumo que dariam às suas vidas. A princípio, uma desejava montar um colégio no Rio de Janeiro e a outra, movida por desilusão amorosa, pretendia tornar-se freira. Este fato será ficcionalizado em *Suzana*, último romance da autora, que ficou inédito.

⁹ A esse respeito Cecília Barreira, analisando a situação da mulher em Portugal, registra que “Era impensável casar com uma mulher sábia. Só traria problemas. Contudo a rapariga que se prezasse deveria saber escrever uma carta com uma bela caligrafia. A caligrafia era quantas vezes a prova de uma educação esmerada e de uma posição de classe.” BARREIRA, Cecília. Op. cit., p.184.

¹⁰ Este aspecto é bastante problemático na escrita de Anna Ribeiro: ou aceitamos que, de fato, foi simplesmente a péssima caligrafia que a motivou a escolher seu marido como aquele que passaria a limpo os seus textos, ou percebe-se, dentro de uma leitura mais crítica, que Anna necessitava da legitimação do marido. Pertencente a alta classe social da Bahia, não seria prudente talvez que essa mulher lançasse idéias com as quais sua família poderia não concordar. Mais tarde, será o neto, Clemente Mariani, que ocupará o papel do avô já falecido para ratificar um texto sobre o herói da família, o Major Pedro Ribeiro, conforme as memórias e o prólogo de apresentação dos contos da autora, este último redigido por sua neta, Anna Mariani Bittencourt, responsável por passar a limpo as notas da avó. Nos manuscritos, observei que há alguns trechos em que se encontram anotações corrigindo a concordância ou a pontuação, mudando palavras, mas que não foram feitas pelo seu marido, porque os manuscritos que foram mantidos são dos romances e das memórias escritas após a morte dele.

¹¹ Kátia de Queirós Mattoso, ao analisar, em uma crônica literária, o livro de memórias de Anna Ribeiro, considera-a como “Uma Condessa de Ségur brasileira”. Provavelmente porque a historiadora ficou impressionada com o número excessivo de conselhos e recomendações morais presentes nas memórias de Anna. Da leitura que fizemos da Condessa, pudemos observar que em comum ambas possuem o caráter moralizante dos textos, a busca de, como dizia Anna, “ensinamentos sãos”, entretanto, não resta dúvida de que o texto da Condessa apresenta uma construção narrativa

Uma narrativa testemunhal...

A formação cultural de Anna Ribeiro, embora acidentada, não foi diferente da formação tradicional das moças ricas do seu tempo: muitas histórias de aventura e amor, alguns romances mais formadores de sua personalidade de jovem casadora, permeados com exemplos bíblicos que contribuiriam para uma formação ético-religiosa própria para uma pretendente a mãe de família, o que as tradicionais famílias baianas aspiravam para suas filhas. No entanto, de como sua personalidade vai quimicamente misturar tais ingredientes para transformá-la em uma escritora, ninguém pode deduzir a fórmula. Sua educação é tipicamente burguesa. Ao lado da leitura, os estudos de piano, desenho, canto e francês irão completar a sua formação.

Com o casamento das suas iniciadoras nas letras e prendas, Anna, aos doze anos, será transferida para Salvador a fim de prosseguir os seus estudos. Porém, com a mãe adoentada, ela regressa à fazenda, poucos meses após ter retornado à capital; a intenção da família era fazê-la completar seus estudos, fato que nunca chegou a acontecer. Pode-se afirmar, portanto, que a consolidação de sua formação deu-se por sua extrema vontade e desejo de instruir-se acima da média de sua época. Há uma certa nostalgia por não se ter cumprido a promessa de ela retornar a Salvador para estudar, mas que fica recalcada, talvez em virtude da sua formação católica que a impede de questionar a opção dos pais.

Nessa fase, parece que a autora apenas afina o seu gosto literário por meio de constantes leituras e observa a sua época, enquanto recolhe impressões que serão usadas em seus escritos posteriores.

Aos vinte e dois anos, Anna Ribeiro casa-se com Sócrates de Araújo Bittencourt, estudante de Medicina. Com o casamento, a autora volta a residir em Salvador onde aproveita para completar seus estudos de francês, além de retomar o aprendizado de piano e canto e iniciar os estudos de italiano.

Neste período (1865), Anna passa a tomar conhecimento do mundo intelectual baiano, num momento de forte agitação cultural, marcado pela presença dos salões culturais, da vida intelectual agora centrada em torno da Faculdade de Medicina para onde afluíam os filhos dos fazendeiros locais e que se constituía, como a Faculdade de Direito de Recife, um dos pólos centralizadores de divulgação no Nordeste das novas idéias científicas. Seu marido gostava de participar da vida intelectual da província, o que, de alguma forma, deve ter repercutido na vida da futura escritora. Por outro lado, os primeiros grandes indícios de decadência do mundo agrário começam a ser sentidos com o surto inicial de industrialização na Bahia, entre o final do século XIX e o fim da República Velha. Essa decadência é acelerada, mais tarde, pela Abolição da escravatura, que vai influir, inclusive, na vida do casal, determinando a necessidade de voltar uma segunda vez para o interior.¹²

mais simples e menos romanesca que a da autora baiana. Cf. MATTOSO, Kátia Queirós, (org.) Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, *Longos serões do campo. Cahiers du Brésil Contemporaine: da la Vieille République à L'Etat Nouveau*, Paris, n° 19, set. 1992, pp.109-114.

¹² Este fato, o da Abolição da escravatura e seu reflexo na economia agrária serão registrados com precisão no romance *Leticia*, publicado em 1908. No romance, a autora chega a registrar as duas tendências quanto à libertação dos escravos: a dos senhores de engenho, que diminuem suas posses e têm ressentimento dos políticos e dos antigos escravos que, segundo eles, apesar de serem "bem tratados" evadem-se do campo; e, de outro lado, a dos jovens recém-saídos das faculdades, que se constituíam na "classe média" emergente e que estavam ideologicamente comprometidos com o partido liberal. O problema é que o rapaz que representa as novas idéias, marido da protagonista que dá título ao romance, vive da fortuna alheia e nunca teve um emprego. Fato irônico e não muito diverso do que foi apresentado por Alencar ou

Em 1886 nasce o primeiro filho, Pedro Ribeiro de Araújo Bittencourt, ainda em Salvador. Quando o filho completa doze anos e se dá a separação da família para que complete seus estudos, indo viver com a avó materna em Recife, a autora decide dedicar-lhe um poema. Na realidade, a autora escreve muito para o âmbito familiar, fato comum nas famílias ricas da época, talvez pelo medo de enfrentamento da crítica masculina ou pelo forte preconceito de a mulher escrever e ganhar dinheiro com a sua produção, fato que ainda era visto com muita reserva na Bahia e que muitas não ousavam enfrentar.

Em 1868, retorna à fazenda, após o marido haver concluído seus estudos e, principalmente, em virtude do seu pai haver-se tornado paralisado e necessitar do genro para tomar conta dos negócios da família no engenho de Api.¹³ Sete anos depois, em 1875, após haver cumprido a tarefa de cuidar dos pais e dos filhos, já crescidos, Anna Ribeiro começa a se dedicar à tarefa literária.

Começa escrevendo versos ao puro sabor parnasiano, já condizentes com o momento literário, fato que evidencia estar ela a par da literatura, mas sem intenção de os tornar públicos, uma vez que esta primeira produção está destinada ao consumo familiar.¹⁴

Em 1880, quando Anna conta, portanto, com 37 anos, surgem suas primeiras publicações nos periódicos: *Gazeta de Notícias da Bahia*, *A Verdade* e *Almanaque de Lembranças luso-brasileiro*. Sempre preocupada em preservar os valores que estavam se perdendo, e deveriam ser conservados pelas mães de família, Anna parece haver conquistado um público de leitoras, tanto que sua produção ficcional começa a fazer parte dos jornais da Capital.

Descontente com os romances românticos que, por apresentarem novos costumes, eram, segundo a autora, responsáveis pelas mudanças sociais, ela registra em artigos publicados no *Almanaque de Lembranças luso-brasileiro* uma advertência contra “certas cenas um pouco desnudas” ou mesmo contra a apresentação de “perfis de mulheres altivas e caprichosas”.¹⁵ Ressalte-se que, por essa época, a imprensa religiosa, a chamada “boa imprensa”¹⁶, começava a controlar a leitura das mulheres católicas, proibindo-lhes a leitura de romances que lhes incendiavam a imaginação. O catolicismo aconselhava a leitura de histórias religiosas exemplares ou romances baseados em fatos históricos ou temas religiosos, razão por que a autora, uma católica conservadora, se tenha

Machado de Assis em seus romances. Talvez esse registro revele um reflexo do comprometimento da autora com a classe dos senhores de engenho, a qual ela pertencia.

¹³ A bem da verdade, este era o destino comum dos jovens médicos ligados à aristocracia rural. Formavam-se pelo lustro do diploma, mas, logo após a formatura, voltavam para cuidar dos negócios da família. Fato idêntico, registrado pela autora em suas memórias, é do seu tio que, após casado, decide estudar Medicina, retornando para a fazenda a fim de cuidar dos negócios. Mais tarde, porém, chega a se tornar um lente da Faculdade de Medicina.

¹⁴ Observando a lista de poemas escritos pela autora, percebe-se que ela parece não cultivar muito as musas, preferindo o caminho da ficção.

¹⁵ Estas observações de Anna Ribeiro dizem respeito, provavelmente, à publicação de *Senhora* de José de Alencar, conforme registra Gilberto Freyre. Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1936, p.154, ed. ilustrada. Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 64.

¹⁶ Vale a pena observar as relações entre a Igreja Católica baiana e as revistas escritas por mulheres através da análise das revistas *A Paladina* e *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*. Ou mesmo consultar o livro de Aparecida Paiva, *A voz do veto*, que analisa a relação entre a diretora das duas revistas, a escritora Amélia Rodrigues e o frei Sinzig. Cf. PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura dos romances*. Belo Horizonte, Autêntica, 1997, 190p.

Uma narrativa testemunhal...

empenhado tanto na produção de romances com este feitio, destinados particularmente às mulheres. Em *Letícia*, romance publicado em 1908, ela registra no prólogo:

Não me dirijo aos homens repletos de conhecimentos científicos e literários.
Sei que estes não dignar-se-ão folhear um livro de tão obscura autora.
Falo a vós, minhas patricias, que dotadas de inteligência e gosto, não vos contentais com fúteis passatempos, e procurais na leitura amena uma agradável diversão ao espírito, colhendo ao mesmo tempo lições e preceitos que irão vigorar os princípios morais que já possuis, dados por uma boa e sólida educação doméstica.¹⁷

Em prólogos, como o do romance acima, ou nas dedicatórias, o público-alvo sempre são as mulheres, buscando, através de sua ficção, ensiná-las a como se portarem dentro das recentes exigências históricas, sem se deixarem levar pelos novos modismos europeus como, por exemplo, as teorias feministas que começavam a aportar na Bahia no início do século. Para ela, seriam as mulheres as que deveriam zelar, através da educação de seus filhos, pelos valores morais e religiosos que começavam a ser questionados; elas funcionariam dentro da sociedade como os verdadeiros “bastiões da moralidade”. Em um de seus artigos publicados em *A Paladina*, ela chega a afirmar que

Dizem os apologistas do feminismo exagerado: que a mulher deve ter, na sociedade, posição semelhante à do homem e gozar de todas as regalias que este egoisticamente criou somente para si: que ela deve instruir-se de modo a exercer todos os cargos, ter o direito de votar, etc.; que o homem atualmente, corrompido no exercício do seu longo domínio, é incapaz de promover a reforma de que a sociedade tem urgentíssima necessidade; que a mulher, conservada ileso e pura, talvez em virtude de sua abstenção, é, indubitavelmente, destinada a regenerar a sociedade, o que só pode fazer imiscuindo-se em todos os negócios públicos, até agora reservados ao homem.¹⁸

A autora e a articulista estará sempre, em seus artigos, defendendo um certo essencialismo na divisão entre os sexos, admitindo que a grande tarefa que coube às mulheres foi a de ter crianças e nunca deixá-las para ir ao trabalho ou para assumir tarefas públicas, o máximo que ela consegue admitir é a tarefa de mestra para as mulheres. Ainda nesse mesmo artigo, ela chega, inclusive, a admitir o “egoísmo dos homens”, mas, ainda assim, não pode aceitar uma mudança mais profunda na divisão de gêneros dentro da sociedade.

Escritas, provavelmente, na mesma época em que produz seu último romance, *Suzana*, em torno de 1910, suas memórias são construídas em meio aos incentivos de sua neta, Anna Mariani Bittencourt Cabral, que se ocupa em animar a avó para deixar registrado em livro as memórias de um tempo de outrora. As memórias são escritas com maior intensidade em 1920, período em que

¹⁷ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Letícia*. Romance original, Salvador, Tipografia e Encadernação Reis, 1906, p.5.

¹⁸ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. O feminismo. *A Paladina*, Bahia, Tipografia Beneditina, nº 7, jul. 1911, p.3.

...havia uma grande agitação política na Bahia, com intensos conflitos entre os coronéis do sertão e o governo estadual sediado em Salvador. Certamente as constantes ameaças que pairavam sobre a capital baiana foram estímulos importantes para que Anna Ribeiro refletisse sobre seu passado e o de sua família e colocasse no papel suas memórias.¹⁹

A composição de *Longos serões do campo* foi instigada pela neta. A necessidade da autora de recompor o passado obedece ao seu projeto de relatar os fatos históricos de extrema relevância para a Bahia que acompanhou (ou dos quais tomou conhecimento através da família) – aliás essa preocupação histórica irá permear os seus romances e será indicativo do seu conceito de literatura como documento de uma época. Anna considera seu interesse memorialista como uma tarefa que era feita com certa angústia, uma vez que julgava estar vivendo bem mais que os do seu tempo, mas mesmo assim uma atividade importante para que seus descendentes tomavam conhecimento do passado vivido pela família.

Mas este livro escrito para o consumo doméstico, conforme ela avisa em seu prólogo –

Resta-me ainda fazer notar a omissão freqüente de nomes e datas neste meu trabalho. A minha memória, que não me era tão ingrata na mocidade, foi sempre rebelde quando se tratava de tais coisas e, em geral, de tudo que dizia respeito a números. Creio, porém, que esta falta prejudicará pouco uma narração somente destinada à minha família, não tendo, portanto, de afrontar a crítica.²⁰

– só será datilografado após a morte da autora e ficará guardado pelo seu neto Clemente Mariani que, cioso da produção intelectual da avó, se incumbiu da tarefa de eliminar o que poderia trazer de volta o ressentimento de brigas passadas entre famílias e resolve fazer algumas alterações para que esse texto viesse a público na década de 70. Felizmente, o projeto não foi em frente e o manuscrito ganha apenas um original datilografado com alguns cortes, que, na década de 90, graças à sensibilidade e a preocupação histórica de sua bisneta, Maria Clara Mariani Bittencourt, foi publicado, mantendo o texto conforme houvera sido escrito, por achar que as antigas rixas familiares já se tinham dissipado no tempo.

Longos serões no campo se divide em dois volumes. O primeiro deles recebe o subtítulo *O major Pedro Ribeiro*. Nele, a autora narra os episódios que marcaram a vida de seu avô paterno, que dá título ao volume.²¹ É um texto que parece fugir da ilusão testemunhal e autobiográfica da autora para cair no campo ficcional. A narrativa é intermediada por vários planos de enunciação: o primeiro é o relato do avô à filha, D. Ana Maria, sobre a sua participação no processo da Independência da Bahia entre 1793 e 1820, antes do nascimento da autora, portanto.

¹⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. Comentários sobre *Longos serões do campo*. Arquivo de Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, Biblioteca da Fundação Clemente Mariani, p.2.

²⁰ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Longo serões do campo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, vol. 1, p.10.

²¹ Para Mauro Trindade, esse volume tem “sopro épico”, uma vez que a autora “descreve a queda do poder colonial na Bahia, um dos últimos pontos de resistência portuguesa à independência do Brasil.” TRINDADE, Mauro. Raro fesoouro da província. *Jornal do Brasil*, 19 set. 1992.

Uma narrativa testemunhal...

O segundo plano é o posterior relato de D. Ana Maria, mãe de Anna Ribeiro a ela própria. A narrativa oral de D. Ana, considerada como a que possuía “as qualidades que dão apreço ao narrador – clareza, graça, facilidade de expressão”²², foi transformada por Anna Ribeiro em um texto escrito nos seus conhecidos cadernos de anotações.²³

Como se não bastassem todos esses interlocutores que mediarão a história do major, confluem ainda para que a consideremos movida por um interesse ficcional o fato de ela haver sido escrita na velhice da autora, criando um distanciamento tal que a memória tratou de ocupar os seus espaços vazios, motivados pelo esquecimento, recriando o conteúdo ouvido e transformá-lo numa narrativa rica em detalhes de uma época.²⁴

Não pretendemos aqui discutir o caráter literário ou não destas memórias, parece-nos ser o mais acertado localizá-las como um meio termo em que o discurso ficcional se vê emaranhado com o fato histórico, documentado. O sistema literário vigente baseia-se em normas que provavelmente não serão compatíveis com essa narrativa: o coloquialismo da linguagem, a auto-reflexividade e a ambigüidade a que esses textos recorrem não refletem o modelo do que hegemonicamente se traduz por literatura.

Todavia, justamente por transgredir essas normas do que é literário e mesmo pôr em evidência discursos não contemplados, mas representativos de um tipo de produção, é que se torna instigante o estudo das memórias escritas por mulheres. As memórias se articulam com **o familiar, o cotidiano, o prosaico** – como salienta Stephan²⁵ – mas, ao produzir o antidiscurso, subvertem as tipologias literárias e apresentam uma nova categoria do fazer literário.

Dentro dessa ótica, a de uma narrativa não abrangida entre as categorias da literatura e que evidencia quão tênues são as relações entre ficção e autobiografia, o volume 2 das memórias de Anna Ribeiro, intitulado *Infância e juventude*, traz à tona o caráter autobiográfico em que a autora se revela com maior clareza, fundindo-se com autora, narradora e personagem principal; o caráter individual da narrativa é presentificado sem que, através dele, o individual venha a se separar das histórias coletivas.²⁶ Nesse aspecto, o texto de

²² BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Longos serões...* Op. cit., vol. 1, p.9.

²³ Ao analisar a transformação da literatura oral para a literatura escrita, Ría Lemaire constata que a produção literária feminina medieval tratava de temas comuns às atividades das mulheres. Essa característica de contar estórias entre si, ressaltadas as diferenças, é mantida ainda no século XIX no Recôncavo baiano, com novos conteúdos (batalhas, vidas dos santos, histórias bíblicas). A tradição de narrar, enquanto se desenvolvem atividades domésticas durante “os longos serões do campo”, constitui-se no despertar da menina Anna para o prazer de contar, de fazer literatura e indica ainda o espaço em que as senhoras, as senhorinhas, as visitantes e as escravas se “igualavam” não só em torno de um trabalho comum, mas de uma sedução comum diante das estórias narradas. Cf. LEMAIRE, Ría. As cantigas que a gente canta, os amores que a gente quer: o papel da mulher na passagem da tradição oral à escrita. *Boletim do CT da ANPOLL – A Mulher na Literatura*, Belo Horizonte, UFMG, nº 3, 1990, pp.13-33.

²⁴ Quanto a este aspecto, do distanciamento presente nas memórias, Hutcheon assinala que as narrativas memorialistas já guardam em si este caráter de distanciamento “em relação a qualquer coisa que se assemelhe a sua verdadeira experiência do passado”. HUTCHEON, Linda. O sujeito na/da/para a história e sua estória. In: *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1995, p.219.

²⁵ STEPHAN, Beatriz González. Culturas subalternas: crítica literária no-androcêntrica. *Iberoamericana*, nºs 2/3, 1991, pp.93-107.

²⁶ Esta definição sobre o que vem a ser autobiografia vem de Philippe Lejeune, referida tanto por Livia Freitas Reis (op. cit.) quanto por Wander Melo Miranda. Cf. MIRANDA, Wander. Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo/Belo Horizonte, Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1992, pp.17-41.

Anna Ribeiro consegue concentrar-se no cotidiano da vida das mulheres, mas sem alijar-se de fatos históricos importantes.²⁷

Anna Ribeiro consegue situar o leitor diante da cotidianidade das mulheres: das costuras, das rendas e bordados; das intrigas amorosas; das reuniões familiares; da descrição precisa das vestimentas e do comportamento dos habitantes da zona rural em oposição à vida urbana na Bahia do final do século XIX. Além dessa narração do cotidiano, que seria crivada de críticas por ser encarada como prosaica e desmerecedora da atenção do cânone literário – ainda que pudesse aceitar os saraus de Macedo ou mesmo de Alencar –, a autora-narradora-personagem consegue traçar, ao longo das suas 252 páginas (apenas do segundo volume, o primeiro tem 187 páginas), um mosaico da situação sócio-político-cultural da Bahia oitocentista.

O relato de Anna Ribeiro inicia-se na sua meninice, aos seis anos, quando começa a tomar conhecimento do mundo que a cerca, até o seu casamento aos vinte e dois anos – idade relativamente avançada para a época, mas que pode ser explicado, em primeiro lugar, pela crença de seu pai de que mulheres deviam se casar apenas ao completarem vinte anos e, em segundo, pelo fato de seu primeiro noivo ter falecido e ela haver por um tempo desistido da idéia de casar-se. São 23 capítulos, ordenados entre si pelos dados cronológicos, tendo o último um tom de ensaio que poderia, inclusive, estar à margem da narrativa, uma vez que se ocupa das dúvidas da narradora quanto à religião, basicamente no que se refere ao pecado original e à Eucaristia, e dos seus primeiros contatos com o Espiritismo, talvez quando sua certeza na fé católica começa a ser abalada.

Mas é nesse último capítulo, sobretudo, que Anna Ribeiro se encarrega de esclarecer sobre o seu desejo de escrever:

É bem certo que aquele que pega na pena para lançar sobre o papel suas idéias e dar-lhes publicidade pode-se crer atingido de incurável mania. Debalde o bom senso lhe mostra que nenhum proveito lhe pode advir de seus escritos; sente-se mal, **falta-lhe qualquer coisa**, e é **assim arrastado a escrever**.²⁸

Para Anna, a despeito de toda uma história pessoal que não a aconselhava a “aprumar as vistas” (usando uma expressão da época) na leitura ou mesmo pelas dificuldades iniciais na escrita, o escrever se tornou uma necessidade gerada por uma falta, provocada talvez pela ausência dos entes queridos. É comum em textos de mulheres romancistas do século passado essa “necessidade” de que trata Anna. Por estarem transgredindo as normas – afinal, de leitoras, essas mulheres se transformam em escritoras – deslocam suas posições, saindo do papel de musas inspiradoras para criadoras; por esta razão é que há esta necessidade de não se calar, de expor a público as suas idéias.

O escrever se torna uma forma com que ela pode atar a sua existência duradoura a um passado que não fora esquecido e que deveria permanecer na memória dos seus descendentes. A consciência da morte, da passagem do

²⁷ Certamente, por este aspecto é que essas memórias têm sido estudadas por mestrandos da área de História, que buscam nesse espaço da subjetividade elementos que recuperem com mais exatidão uma época. Esse documento consegue, através do registro do cotidiano, informar sobre o modelo de vida do Recôncavo baiano oitocentista.

²⁸ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Longos...* Op. cit., vol. 2, p.105. (grifos nossos)

Uma narrativa testemunhal...

tempo, é muito freqüente no volume dois, onde o tom saudosista percorre todo o relato, como em:

Ao recordar estas cenas de minha mocidade, sinto imensa saudade. Todas essas pessoas já não existem. (...) Dizem que os velhos vivem de recordações. É verdade, mas as recordações só despertam saudades que nos envolvem em uma nuvem de tristeza, como tudo que acompanha a velhice. Cada amigo que perdemos deixa em nossos corações um vazio que os gozos do presente, não feitos para nós, jamais poderão preencher.²⁹

A dúvida quanto ao valor literário de sua obra não a desestimula, ela persegue no desejo, na tentativa de preencher o vazio, a falta que a angustia e a impele para continuar a escrever. E, segundo ela mesma, com a consciência de que lhe cabe registrar a sua passagem, a sua geração para os descendentes, mesmo sabendo que o esquecimento é inevitável, visto que apenas os que passaram ao domínio da História serão lembrados. Ela lembra aos seus leitores:

As gerações sucedem-se como ondas que rolam no oceano da vida e acabam por confundir-se, não ficando nenhum vestígio de sua passagem. Em outros tempos, quando os nobres gozavam de privilégios, algumas famílias conservavam uma longa série de nomes de ascendentes porque, quanto mais antiga, mais conceituada era a nobreza. Hoje, porém, que tudo isso desapareceu, só se pode guardar de memória o nome de algum que se haja salientado de modo a passar ao domínio da História. Fiquemos, pois, no olvido, como temos de ficar, os que nomeio e eu mesma, quando desaparecerem as gerações de meus descendentes que me conheceram.³⁰

Deste modo, escrever para as novas gerações parece tornar-se menos importante, já que o esquecimento seria inevitável, e o escrever ganha a sua própria razão de ser, um imperativo de uma vida. A escrita se torna uma catarse, talvez reflexo de uma educação marcada pela imposição de regras e leis sociais que a impediam de ser como queria, mas que determinavam o modo como se portar na sociedade. Não é à-toa que Anna só deixa que a produção, de consumo familiar, atinja o espaço público após a morte do pai e de receber apoio de amigos e parentes, e do marido, que era um integrante das rodas literárias da Bahia, ainda que se desconheça qualquer produção sua.³¹ Anna se refere a ele como alguém que a incentivou a prosseguir no ofício literário.

É por esta necessidade de escrever, numa linguagem coloquial, num estilo claro e escorreito, recompondo muito da linguagem falada naqueles dias, mas que continua presente no Recôncavo ainda hoje, às vezes moralista demais, sempre religioso – marcas do discurso da mãe, uma religiosa convicta – que essa narrativa vai prendendo o leitor num ritmo que – poder-se-ia dizer –

²⁹ Id., ib., p.104.

³⁰ Id., ib., p.8.

³¹ Não se deve subestimar a interferência do doutor Sócrates de Araújo nas atividades literárias. Para ele foi escrito um poema em um tom irônico pela poetisa Adelaide de Castro Alves em resposta à crítica feita por ele a um dos seus poemas. O poema se encontra manuscrito em um dos famosos caderninhos de Anna Ribeiro na Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, nos arquivos pessoais do neto de Anna, Clemente Mariani.

talvez não fosse encontrado num texto que fosse dirigido apenas aos familiares.

É assim que a autora parece ter traído sua intenção inicial. Embora a motivação primeira tenha sido o relato aos descendentes, num livro que não deveria sair do seio familiar sob pena de que, devido a algumas omissões de datas, efeito da memória da autora, pouco dada a gravar números como ela avisa ao seu leitor inúmeras vezes, pudesse afrontar a crítica, a autora registra no volume dois a leitura de quatro obras de caráter memorial, como *Confissões* de Santo Agostinho, *Minhas prisões* de Silvio Pellico e *Recordações da casa dos mortos* de Fiódor Dostoievsky, além de uma obra de Henryk Sienkiewicz não identificada, o que denuncia sua preocupação com o que está sendo narrado, com a tradição memorialista e de como sua composição estará filiada a eles.³²

Este fato poderia sugerir a análise de Zahidé Muzart que, ao se debruçar no estudo dos prefácios, notas introdutórias, dedicatórias e preâmbulos, denominados de paratextos, de diversas obras escritas por mulheres no século XIX, nota que, de um modo geral, eles apresentam um discurso comum: uma desculpa pela produção levada a público e uma constante “culpa” pelo fato de estar assumindo este novo lugar, o de escritora/poetisa na sociedade. Segundo a pesquisadora, esse “medo de ser repudiada” pela crítica a faz se colocar em um “estranho jogo” no qual se, de um lado, revela certa subserviência e uma modéstia que eram atitudes que a sociedade primava em uma mulher oitocentista, por outro, sugere uma artimanha de como ingressar no mundo literário: assim, deste modo aparentemente um tanto modesto, as mulheres vão encontrando um espaço na vida literária da época.³³

Pondo a público a sua fragilidade como memorialista, já que se perde em datas e nomes, Anna se apegava à condição de elaboradora de um texto que só teria importância no âmbito familiar e assume uma condição esperada por ela enquanto mulher escritora, a de se entremostrear, de se revelar pouco apta para a tarefa a que se estava destinando. Se esse era o discurso esperado pela tradição masculina, por outro lado, ela o desafia, compondo um texto rico em detalhes e preocupado com a forma e o cânone memorialista, ao revelar suas leituras e mesmo ao se apresentar no livro, o que seria detalhe desnecessário.

Do capítulo 1 ao 22, Anna Ribeiro vai compondo um quadro em que não somente ela é o tema central da narrativa como também os seus familiares e amigos, gerando uma teia de relações que, sendo comum às narrativas autobiográficas femininas, é provocada pela necessidade de articular-se com o conhecido e de entender a si mesma através desse espelhamento com os que lhe são próximos.³⁴

Nessa moldura familiar, conforme já se havia salientado, os elementos extradiagéticos ganham força nas memórias à medida que a seleção e a ordenação deles são responsáveis pela própria estrutura do texto memorialista.

Anna oferece o testemunho de uma época, quando a aristocracia rural do Recôncavo baiano começa a sofrer as primeiras mudanças sócio-econômicas; o sistema escravagista começa a ruir e os escravos começam a participar do

³² As informações acerca dos autores foram extraídas das notas bibliográficas do livro de memórias. Cf. *Longos serões...* Op. cit., vol 2, notas.

³³ Cf. MUZART, Zahidé L. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto das escritoras do século XIX. In: FUNCK, Susana B. (org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis, UFSC, 1994, pp.261-269.

³⁴ Cf. REIS, Lívya de Freitas. Op. cit., p.180.

Uma narrativa testemunhal...

cenário urbano, agora como homens livres; os fazendeiros, impulsionados pela crença no saber e pela importância da Ciência, começam a exigir que os filhos se tornem doutores – a Faculdade de Medicina é para onde eles afluem.

A divulgação do Positivismo gera um discurso, por vezes científico, baseado nas primeiras hipóteses da época quanto à raça e ao inatismo. Além disso, as discussões travadas nas teses dessa faculdade eram representativas da visão considerada como científica acerca das mulheres e do tratamento que deve ser dado a elas.³⁵ Inúmeras teses da antiga faculdade se ocuparam em discutir a capacidade ou não da mulher para o aprendizado além da “educação da agulha”, que apregoava o escritor português D. Francisco Manuel de Melo em pleno século do Iluminismo e que ficou marcado como modelo das mulheres no Brasil. Por esse motivo, as mulheres baianas em voz unissona debaterão em artigos, romances e poemas, a necessidade da mulher se instruir além das famosas prendas do lar tal como suas mães e avós foram treinadas. Entre as vozes que se uniram nesse intento encontramos as de Anna Ribeiro, Maria Luíza de Souza Alves, Amélia Rodrigues, entre outras com projeção local.³⁶

Na Bahia, esse discurso da mulher que precisa instruir-se esteve a par do projeto republicano que convocava as mulheres para assumirem seu papel dentro do Estado: a de serem as responsáveis pelos novos cidadãos. Dentro dessa apologia da dona-de-casa com um certo saber, estava também a de uma mãe que se imiscuisse da vida pública. Como afirmam Duby e Perrot:

O modelo republicano de mulher é o de mãe. As suas competências e a força que ela tira do respeito pela sua própria pessoa são colocados ao serviço da sua família não se estendem às decisões públicas. Mas nem por isso a mãe republicana deixa de ter um papel a representar na cidade. Educando os filhos como bons cidadãos, “reforça a ordem cívica na qual ela vive”.³⁷

Anna Ribeiro percebe também que a instrução é uma necessidade para as mulheres, buscando-a de várias maneiras, seja através da leitura de romances, do estudo da Geografia, do Desenho, da Música, de Línguas. Para ela, era através do conhecimento que as mulheres se distinguiam uma das outras, chegando mesmo a criticar aquelas que, ao se casarem, viviam apenas para o lar, esquecendo-se de ler e de manter-se instruída.

³⁵ As teses da Faculdade de Medicina acerca da mulher são apresentadas pela professora Dinorah de Castro. Cf. CASTRO, Dinorah. *A mulher submissa*. Teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. Salvador, Press Color, 1996, 220p.

³⁶ A importância dessas, entre outras mulheres da época, reside no fato de que se colocavam a público para defender os estudos das mulheres e a sua participação efetiva na sociedade, ainda que estivessem publicando em órgãos vinculados à Igreja Católica. Embora sem poderem atuar com posições mais arrojadas, essas mulheres conseguem apresentar as primeiras vozes femininas (e não feministas, até por que elas se consideravam como feministas católicas e não “feministas falsas”, como as da Europa) em prol das mulheres baianas, incentivando-as a ler, a educar melhor os filhos, uma vez que, num sistema republicano, caberia às mulheres educar os novos cidadãos, engajarem-se na construção de espaços para as jovens mais pobres que precisavam desse espaço para trabalharem e se sustentarem, fazer propaganda das mulheres que escreviam, criando a “rede de sororidade”, que irá ser a tônica de inúmeras revistas femininas da época por todo o Brasil. As revistas criadas por essas mulheres foram *A Paladina* e *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*. Esta última bastante significativa com a grafia expressiva da palavra “voz”, identificando a necessidade de que elas pudessem ter um espaço onde o seu discurso ficasse registrado.

³⁷ DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Op.cit., p.36.

Esse modelo tomado pelas “feministas” baianas será reconhecido como o de “mulher, amante, filha, esposa, mãe, avó”, segundo o *Jornal do Comércio* de 1891.³⁸

Em todos os romances publicados, a memorialista faz apologia à necessidade de que as mulheres tenham instrução, além das prendas. Todas as protagonistas dos seus romances irão valer-se desses ensinamentos quando os recursos familiares se tornaram diminutos. Em um dos casos, *Letícia*, é o ensinamento da juventude aliado à força de vontade que salvará os bens da personagem-título. Parte da vida dessas personagens será dedicada ao ensino, como preceptoras, seja de moças ricas (*Suzana*, *Helena*) ou de órfãs (*O Anjo do perdão*).

A preocupação em narrar sua época pode ficar evidenciada com o registro de outros aspectos da realidade como a epidemia do *cholera-morbus* e o tratamento médico utilizado na época. Tudo isso é descrito a partir das mortes dos conhecidos ou amigos, do medo das famílias diante da doença, da avassaladora dizimação das vilas e comunidades próximas a Catu. Esse tema aliás se tornará presente na sua última obra: *Suzana*, que permanece inédito. Nesse romance, a autora registra a queda da economia rural dos engenhos devido à morte dos escravos e a dificuldade em gerir os negócios com a ausência de mão-de-obra, gerando o declínio econômico de muitas famílias, como a da personagem central, que vem para a capital e cujo pai se torna funcionário público, à mercê dos partidos políticos da época.

Paralelamente a essa narração histórica em que estórias se entrecruzam, gerando um relato histórico mais vivido, as memórias apontam para a descrição pormenorizada dos trajes da época; dos costumes e hábitos na fazenda e sua oposição às novas regras sociais da cidade; da vida nas pequenas vilas; da cidade da Bahia e sua iluminação precária; das festas familiares e das religiosas; do mundo do teatro; dos casamentos da época. Há uma nítida preocupação da autora em manter a legitimidade desse relato.

Outro aspecto presente nessas memórias é bastante intensificado: o narrar a vida da mulher que residia no campo. Sob o signo da moralidade cristã e do tom doutrinário, Anna Ribeiro se incumbiu de registrar o universo feminino do final do século passado: entre costuras e bordados, poucas festas, recato quase absoluto, missas e missões, leituras da Bíblia e de autores notadamente franceses, recomendados pelo caráter educativo, vão vivendo as missões da aristocracia rural baiana.

A própria autora, entretanto, registra, nas memórias, as suas desconfiças acerca da religião e o seu progressivo distanciamento dela. Ao mesmo tempo, pode-se perceber, em seus artigos, uma relatividade dos temas que lhe causavam tanta irritação nos primeiros artigos, como o feminismo. As heroínas dos seus romances descumprem o próprio modelo que ela elabora para suas leitoras de artigos, afinal, elas assumem mais funções que aquelas que ela prevê em *A Paladina* ou mesmo em *A VOZ da Liga Baiana das Senhoras Católicas*. Na ficção, elas são mais atuantes e até fazem discursos contrários à posição das mulheres nas Escrituras Sagradas e à posição subalterna delas na sociedade em relação aos homens.

³⁸ A citação completa é a seguinte: “Nestas seis palavras existe o que o coração humano encerra de mais doce, de mais puro, de mais estático, de mais sagrado, de mais inefável”. In: PEDRO, Joana Maria. Mulheres – século XIX. In: Seminários de Estudos sobre a mulher, 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994, Florianópolis; *Anais... Fazendo Gênero*. Ponta Grossa, Centro de Publicações da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pp.73-76.

Uma narrativa testemunhal...

Sob o signo da moralidade cristã e do tom doutrinário, Anna Ribeiro se incumbiu de registrar o universo feminino do final do século passado: entre costuras e bordados, poucas festas, recato quase que absoluto, missas e missões, leituras da Bíblia e de autores notadamente franceses, recomendados pelo caráter educativo, vão vivendo as moças da aristocracia rural baiana.

Se compararmos essas características destacadas com a de outras mulheres de sua época é possível notar que há certa diversidade entre as mulheres que ocupam o mesmo espaço temporal, o que não é de estranhar, uma vez que ainda não se pode falar, no Brasil do século passado, de um conjunto feminino único, há mais diversidade que convergência. Principalmente, quando se compara o interior do País com as capitais, notadamente as do Sul, como Anna irá fazer ao analisar as moças de seu tempo que começam a se portar diferentemente do modelo padrão aprendido por ela.

Anna percebe que os valores do campo começam a ser destruídos pelos valores da cidade, novos hábitos são incorporados e as regras sociais, tão bem demarcadas para as moças do campo, deixam de se tornar parâmetros distintivos entre as ditas moças de família e as demais. A educação dada às mulheres começa a sofrer transformações e, embora queixosa, a autora/narradora registra essas mudanças. Para esse novo modelo de comportamento feminino, em que a mulher já não é tão recatada e ousa olhar para seus pretendentes ou mesmo demonstrar interesse por eles, Anna dá o epíteto de “saídas”. A palavra, ainda usada pelo morador do Recôncavo ao se referir a moças namoradeiras, revela que houve um deslocamento da posição da mulher da esfera privada para a esfera pública.

Um dos exemplos dessa nova educação está no caso das “afilhadas” do Monsenhor Silveira, Emília e Henriqueta.³⁹ Elas vão para o convento e, por motivo de doença, retornam ao campo para tratamento médico e desistem do projeto de seu “padrinho”: tornarem-se freiras – fato bastante criticado pelos pais da narradora, que consideram um contra-senso a vida freirática e chegam a elogiar as Ursulinas, que são bem mais próximas da comunidade, sem a reclusão tradicional das Dorotéias. O pai-padrinho pretende levá-las para a Corte a fim de montarem uma escola; portanto, não estariam, pelo menos a princípio, destinadas ao casamento (o que aliás acaba por acontecer). Elas são consideradas as “saídas”, as que têm um comportamento diverso, motivo de inúmeros comentários maldosos por parte de várias pessoas, sempre justificado pela mãe da narradora como reflexo de uma educação diferente, cidadina.

Diferenciando a vida no campo da vida na cidade, a autora critica severamente o aburguesamento da sociedade, o que gera, segundo ela, novos valores e contribui para uma certa superficialidade nas relações.

³⁹ O termo é risível. Para não ferir o moral nem os bons costumes, as filhas do Monsenhor são tratadas por aphilhadas. Ele é honrado e prezado pela sociedade, a mãe das meninas sequer se sentava à mesa em casa, quando da visita de estranhos. A situação é ilícita à ambos, mas somente a mulher tem seus direitos tolhidos. Sobre essa maneira como, mesmo em situações iguais, o tratamento dado a cada um dos sexos é de modo diferenciado, vale a pena registrar a afirmação de Jane Flax: “homens e mulheres são prisioneiros do gênero, mas de forma diferente”. Cf. FLAX, Jane. *Pós-Modernismo e relações de gênero na teoria feminista*. Tradução: Carlos A. de C. Moreno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org.) *Pós-Modernismo e política*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p.229.

Anna Ribeiro recompõe sua infância e juventude e traduz o fim de uma época, o das grandes fazendas do Recôncavo baiano, registrando a migração para a cidade. Aliás, após a morte de seu marido, muda-se para a cidade, vindo morar no meio urbano definitivamente. Suas memórias cumprem o objetivo de dar a conhecer aos descendentes uma época, uma forma de vida que parecia estar perdida para sempre, não fosse o seu interesse em registrar, anotar, contar.

História e estória se encontram: uma vida, outras vidas, formando um cenário por vezes alegre, por vezes triste, trágico muitas vezes, doutrinário sempre. Anna precisa ensinar os modelos de uma vida honrada, precisa ponderar sobre os valores morais de uma época em transição, precisa, enfim, escrever para sobreviver à sua própria necessidade de pegar da pena e se mostrar, resgatar um modo de vida já perdido no tempo, lançar um olhar sobre as “ruínas do passado”, como propõe Benjamin, e afirmar um discurso necessário para que, ao compor uma época, se possam articular vozes que nunca deixaram de existir, mas, por nunca terem sido ouvidas pelo discurso oficial, precisam ser recuperadas a fim de se dar a conhecer outros ângulos de visão necessários ao entendimento daquele tempo.